

## SEGUNDA LÍNGUA NA ÓTICA DA COMPLEXIDADE

Rita de Cássia Cunha Gomes MACEDO

Universidade Federal de Uberlândia - UFU  
[ritamac70@gmail.com](mailto:ritamac70@gmail.com)

**RESUMO:** Sabe-se que o processo de aquisição de uma segunda língua é pontuado por verdades e mitos. Instaura-se na área da Linguística Aplicada e em especial nas pesquisas relacionadas à aquisição de segunda língua (ASL) questionamentos sobre os mitos e pressupostos das teorias de AS. O presente trabalho teve como objetivo analisar a experiência de busca pelo aprendizado realizado para os alunos de SL tanto em situação de imersão no idioma quanto em sala de aula regular, sob a perspectiva da teoria da complexidade e dos mitos que se estabelecem no processo. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que utiliza o relato de experiência de aprendizes da língua inglesa. Foram realizadas entrevistas com alunos de curso livre de idiomas, assim como alunos que tiveram contato com a língua em situação de intercâmbio. A partir das entrevistas e narrativas para expressar a vivência e a opinião dos participantes relatamos os desafios atuais para a gestão de sala de aula e de ASL. A pesquisa mostra que o caos e a complexidade estão inseridos na aquisição de segunda língua, persistem como grandes desafios a serem enfrentados na construção do ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguística aplicada; segunda língua; caos; complexidade.

### 1. A Sala de Aula como Sistema Complexo

Esta pesquisa é o resultado da observação do processo de aquisição de uma segunda língua. As investigações sobre Aquisição de Segunda Língua (ASL) inseridas no campo da Linguística Aplicada apontam para uma dicotomia entre o inatismo que explica a língua como processo biológico natural e o ambientalismo que versa sobre as influências do meio na aquisição da linguagem. Com esses dois pressupostos das teorias de ASL não conseguem responder em definitivo as perguntas feitas pelos linguistas aplicados surge espaço para uma teoria que pode lançar luz sobre esses questionamentos: a da complexidade, explorando a vertente da teoria do caos.

Segundo a Wikipédia, a complexidade traz uma visão interdisciplinar com a teoria do caos que seria um de seus temas. O caos é popularmente conhecido “efeito borboleta” (o bater de asas de uma borboleta poderia gerar um tufão em um local remoto). É a metáfora para a relação entre um acontecimento considerado muito simples e que pode gerar após muitas interações consequências imprevisíveis e não lineares.

As pesquisas em Linguística Aplicada voltadas para o referencial da complexidade ganharam corpo a partir de estudos apresentados em periódicos como *Applied Linguistics* (2006) e *The Modern Language Journal* (2008). No Brasil SADE (2009) reflete as questões de identidade orientadas pelos paradigmas da Complexidade e do Caos.

Antes de começar essa pesquisa sempre tive um olhar sobre a minha sala de aula como sendo uma bagunça organizada. Essa concepção de ordem e desordem como sendo algo positivo ou

não sempre estava presente nas aulas de língua estrangeira como segunda língua que eu ministro. Instintivamente e ainda sem nenhum embasamento teórico inferi que esse caos (ou a bagunça) poderia ser algo bom. A teoria do caos é uma linha investigativa que parece trazer sentido à pesquisa de ASL por ser uma investigação que busca um padrão de ordem (teorias de aquisição de língua) dentro de um sistema aparentemente desorganizado (sala de aula).

Os pressupostos da complexidade e os estudos da teoria do caos tem uma ampla aplicação. Suas noções são utilizadas nas áreas da filosofia, matemática, pedagogia, física, estatística, meteorologia, sociologia, arquitetura, informática, medicina, economia e também pela linguística. Teóricos como Larsen-Freman e Cameron (2008), Thornbury (2001), Paiva (2009), demonstram a aplicabilidade e utilidade dessas teorias para a ASL, pois a linguagem é entendida como um sistema adaptativo e complexo.

Pelas lentes da complexidade podemos entender que na aquisição da linguagem o que entendemos por input e output são fortemente influenciados pelo contexto e o equilíbrio de um sistema de aprendizagem parece estar entrelaçado com o fio da surpresa ao qual podemos também dar o nome de caos.

Vários fenômenos da linguagem não podem ser estudados, descritos ou previstos com precisão matemática. Podemos imaginar que numa sala de aula de língua estrangeira o aluno recebe informações e um conjunto de regras sobre a língua alvo que o ajuda a aprender. O quanto esse input fará ou não diferença na aquisição da linguagem é variável e não obedece nenhum padrão de previsibilidade. O que o professor apresenta como padrão o aprendiz pode alterar ou fazer alterações cujos efeitos podem ser desproporcionais ao que foi inicialmente proposto.

Assim como Lorentz ao propor as equações para as massas de ar descobriu que uma pequena mudança em um evento pode ter consequências desconhecidas no futuro, os linguistas aplicados também estão tratando da aprendizagem de língua sob esse olhar. O fato de que essa vertente de pesquisa corrobora explicações reducionistas dos eventos de ensino e aprendizagem de línguas e busca entender a aquisição de linguagem como um processo dinâmico em constante crescimento e mudança. Para Larsen-Freman (2007)

Enquanto a palavra dinâmica significa processo sincrônico e diacrônico crescimento/mudança podem também serem usados para descrever os sistemas complexos discutidos neste artigo, há uma Terceira interpretação de dinâmico a qual é inspirada na perspectiva da teoria do caos/complexidade e a qual não é um lugar comum embora não é desconhecida pelo modo como a linguagem é construída (p. 148, tradução nossa).

Trazendo para a Linguística Aplicada Paiva (2005; 2008) explica que “o índice de mudanças, isto é de aquisição não é previsível varia de acordo com a natureza das interações entre todos os sistemas de aquisição desse aprendiz”.

Quantas vezes professores e alunos se sentem “a beira do caos”. São situações em que nos vemos em um ponto onde não há como seguir. A desordem e a incerteza presente em cada parte do sistema terminam por atingir o todo. As partes do sistema são aqui entendidas por professor, aluno, material didático, escola, sendo todas essas partes constituídas de e conectadas por diferentes contextos sócio-políticos-culturais.

Surge então à pergunta feita por Larsen-Freeman e Camern (2008): “Como uma linguagem constantemente em mudança e dinâmica pode ser ensinada?” (p. 13 tradução nossa). É como se tentássemos atingir um alvo em movimento o tempo todo.

No ambiente da sala de aula de línguas até hoje esse trabalho tem sido baseado em teorias que buscam sistematizar o ensino. Método Gramática tradução onde o aluno precisa memorizar

palavras, traduzir textos literários, buscar sinônimos e antônimos; método direto com foco no professor que utilizando a língua alvo utiliza gravuras, gestos, objetos para gerar conversação e trabalha com gramática intuitiva; método áudio-lingual que se assemelha ao método direto, contudo engloba aspectos das teorias comportamentais e da linguística descritiva; e ainda outros como total resposta física, sugestopedagogia, abordagem comunicativa.

Para Larsen-Freman e Cameron (2008) as linearidades que estes métodos e teorias aplicam a aprendizagem não condizem com a presente característica da comunicação voltada para o uso dos meios eletrônicos e descontextualizada.

Colocamos-nos então frente a um desafio educacional. Esse foco nas comunicações eletrônicas e mediadas por tecnologia está presentes na sala de aula. Pesquisas em ASL como Macedo (2008), Moura demonstram que o professor tenta por vezes incorporar certas ferramentas como, tablets, *smartphones*.

À luz da complexidade podemos entender que ASL se dá através de ações, interações, acasos. Uma visão reducionista que prioriza padrões e normas pode impedir a compreensão da riqueza que a desordem, a casualidade e a complexidade podem oportunizar para o aprendizado se uma segunda língua.

“No contexto de ASL, ser exposto à determinada experiência pode causar reações diferentes em estudantes diferentes. A exposição a certas experiências pode ser produtiva para um aprendiz e funcionar como bloqueio para outro. No nosso corpus de narrativas de inglês, por exemplo, alguns aprendizes brasileiros consideram ser positivo ter um professor que só fala inglês na sala de aula e outros afirmam se sentirem bloqueados”, (PAIVA, 2009, p.10).

Nessa pesquisa buscamos integrar a “nova” visão de que a aprendizagem não se dá por aspectos lineares e contínuos, mas por várias vezes é perpassada por uma rede complexa de caos desordem e incerteza.

“Os sistemas de aprendizagem se movem a beira do caos porque o equilíbrio significaria a morte. Na ASL podemos dizer que a beira do caos é o ponto onde a aquisição sofre mudança repentina de um estado a outro e quando o aprendiz é desafiado e exposto ao risco de cometer erros e aprender com eles” (PAIVA, 2009, p. 7).

As narrativas dos alunos foram coletadas por professor de língua inglesa que trabalha em instituição particular de ensino de língua. Elas foram escritas por alunos de inglês que relataram sua experiência em sala de aula respondendo a perguntas descritas no anexo (A). As narrativas foram divididas em categorias de aprendizes que estiveram por um curto período em situação de intercâmbio em países da língua alvo e aprendizes que nunca estiveram em país da língua alvo.

A abordagem holística para a análise das narrativas se justifica pela interpretação do contexto e da visão do participante como um todo.

Nas situações de aprendizagem de uma segunda língua em sala de aula podemos notar uma verdadeira bagunça, não no sentido da desordem de alunos que não colaboram com as regras do professor ou da escola, que não se comportam de maneira apropriada, mas de um sentimento que é perceptível quando o aluno não consegue ver um significado para seu aprendizado. Por se tratar de um sistema complexo e de equilíbrio instável quando se apresenta algo novo tudo muda e adquire outro significado. Esse (des) equilíbrio é um desafio para muitos aprendizes como exposto na narrativa (1).

- (1) Senti assim no limite, acho muito complicado sim aprender o inglês sem treinar constantemente, duas horas por semana e não falo mais. Este semestre eu já havia pensado em mudar vou procurar assistir mais coisas em inglês sem legenda, o meu problema é a faculdade também que me ocupa muito tempo.

Na narrativa acima podemos deduzir que o sistema de aquisição desse aluno não está construído em apenas um agente, mas em interrelação a outros elementos também complexos. Como explica Kramsch (2012, p. 13, tradução nossa) “o que os aprendizes aprendem não é produto de nenhum fator ou agente, mas é vindo de da interação de múltiplos fatores. Ao quais poderiam explicar porque, para aprender a linguagem e como usá-la você tem que ter interação porque é a interação que permite não apenas a negociar o significado, mas negociar sua compreensão de qual significado você pode construir para você”. Para o narrador a complexidade está em lidar com um sistema complexo (aprendizagem da língua) e ainda com a falta de tempo e a dificuldade em usar o que aprende pois ele resume isso em “não falo mais”. Ele demonstra então auto-organização e autonomia frente ao caos em relação a sua ASL. Decide que a solução poderia ser dedicar algum tempo além das duas horas regulares de estudo fora da sala para assistir filmes. Essa decisão parece ter sido tomada após a compreensão de que seu aprendizado sofrendo influencia de fatores externos e que ele precisa adequar a solução do problema às suas necessidades específicas.

Um sistema de aprendizagem de língua acontece em condições que não estão equilibradas. Na narrativa 2 também temos exemplo que denota uma atitude proativa e autônoma frente à desorganização.

- (2) Eu busquei novos métodos de aprendizado. Ou melhor, muitas vezes eu busquei motivos para não parar e encontrar motivação, como conquistar meus sonhos no futuro. Isso acabava me motivando. Depois de motivado a persistir eu estava mais empenhado e com mais gana de vencer, daí meu desempenho era maior.

Segundo Kramsch (2012) mudança e dinamismo são fatores centrais de um sistema complexo que se adapta através da interação com o meio e através de uma reorganização interna. “O ato de jogar o jogar tem sua forma de mudar as regras”, (GLEICK 1987 p. 24, tradução nossa). A mudança de regra aqui foi à decisão de trocar o método. Acredita se que os alunos aprendem por regras, um verbo depois do outro, uma palavra depois da outra. Essa linearidade dificilmente se aplica a ASL. Os aprendizes interagem o tempo todo com o “jogo” modificando as regras interagindo em um processo dinâmico como atesta Kramsch (2012).

“Contudo, a teoria da complexidade observa o todo da ecologia do aprendizado: o aprendiz, em interação com outros (professor, livro texto, colegas, falantes nativos) com ausência ou com outros (através de textos) com sua percepção do presente e do passado do outro, do passado e presente de si mesmo e com todos os discursos acerca da linguagem, seus falantes, seus autores e as ideologias e visão de mundo que ela veicula” (p. 12, -13, tradução nossa).

A ASL reportada na segunda narrativa demonstra que o sistema encontra meios para sair do caos. Em contrapartida busca sempre mudanças sendo essa sua natureza dinâmica que proporciona o aspecto de crescimento e flexibilidade.

Quando o narrador 2 expõe seu desejo de dominar o idioma como fator para a realização de seus sonhos futuros encontrou em Paiva (2009) respaldo para afirmar que “os não

privilegiados lutam para trocar sua identidade por uma mais privilegiada e aprender inglês é, geralmente, visto como uma ponte para uma vida mais bem sucedida” (PAIVA, 2009 p. 13).

Essa busca de identidade se constrói a partir de uma rede de complexidade. Segundo Morin (2004) todo conhecimento para ser pertinente deve contextualizar seu objeto. Antes de ser aprendiz de língua o aluno deve se entender como parte de um sistema. Antes de entender o aprendizado desse aluno as teorias de ASL também devem priorizar o aprendizado como sistêmico e complexo afetado por várias situações interligadas.

Nesse sentido, Sade (2009) afirma que “o paradigma da complexidade se apresenta como ferramenta útil para uma melhor compreensão do todo que caracteriza o ser humano e não o reduz a fragmentos isolados como cognição, fatores biológicos ou sociais”. Essa complexidade e incerteza de padrões apontam para a visão do caos.

As narrativas que compõem o nosso conjunto de registro mostram que as situações de desordem ou caos quando percebidas pelos aprendizes passam a ser fatores positivos de transformação. De uma forma ou de outra eles buscam recursos para superar as incertezas e dúvidas seguindo com o processo ou rompendo por completo. As maiores queixas são referentes às poucas oportunidades para utilização da linguagem fora da sala de aula. A confrontação da dificuldade e os possíveis caminhos a partir daí.

Princípios da teoria da complexidade vistos pelo viés de uma perspectiva ecológica e fenomenológica podem ser percebidos através da narrativa da aluna 3 em situação de intercâmbio em país da língua alvo.

(3) Desde que cheguei no país está sendo tudo novo. Primeira viagem internacional, chegar sozinha em um país diferente do seu onde ninguém fala a sua língua e pra você sobreviver você tem que dar seus pulos e falar a deles. Estou aprendendo novas culturas, aprendendo que o que é certo para nós é errado para eles e vice versa. Em relação ao processo de aprendizagem sinto que estou aprendendo um pouco mais. É totalmente diferente do que eu imaginei. Existe pessoas que já falam, mas tem interesse em aprender gramática! No início fiquei frustrada não em relação ao que estava aprendendo, mas em relação à turma. Já havia esquecido as dinâmicas das aulas e me achando velha demais para aquilo.

Nesse excerto, a aluna relata que certa confrontação entre a ordem social do outro país e seus valores. Essa percepção da diferença cultural também presente na sala de aula de segunda língua talvez ficasse mais evidente por poder vivenciar fisicamente estas diferenças. Segundo Kramsch (2011), pode haver uma somatização física desse processo através dessa percepção de memórias, sensações e sentimentos. O aluno passa então a um conflito de identidade com relação à própria linguagem e cultura.

A aluna ao passar por essas experiências afetivas e físicas deve encontrar uma forma de ir além das suas fronteiras, buscar um caminho para se colocar em um novo ambiente, uma nova comunidade de aprendizes e uma nova linguagem. Nesse aspecto Kramsch (2008) ecoa Bloomert (2005) “problematiza a noção de comunidade de discurso e foca nossa atenção na prática comunicativa ampla desterritorializada mais do que na vastidão territorial posta pela concepção de linguagem una e de cultura una.” (p. 216, tradução nossa).

Em outra parte da narrativa 3 podemos encontrar a casualidade que coloca na perspectiva da surpresa componentes essenciais do processo: “Quando eu achei que estava difícil ou que eu não evolui a opção dada foi mudar de sala. Mesmo achando que deveria estar em outro nível só posso mudar depois de uma prova”.

A narração confirma que nem tudo pode ser calculado e medido em um processo como o aprendizado. Mesmo passando por testes e avaliações a aluna encontrou um problema e precisou de alternativa para resolver essa “casualidade”. Por vezes as alternativas apresentadas aos alunos pelo professor ou escola levam a uma busca intencional de novos espaços, novas possibilidades.

Nesse contexto educacional um referencial da teoria da complexidade que pode ser aplicado é o da Liberdade. Kramsch (2012) postula que o termo lógica da liberdade em um contexto educacional move a teoria da complexidade de um modelo de aquisição de linguagem explanatório para um modelo educacional de ação política.

## **Conclusão**

O desconhecido, a desordem, a casualidade, a lógica da liberdade, as relações entre sistemas complexos estão presentes na ASL. As narrativas coletadas demonstram que o teoria da complexidade/caos podem proporcionar uma nova agenda para os estudos na área da linguística aplicada e da aquisição de linguagem.

É um desafio que se apresenta. A união da ciência, da filosofia e da ideologia para formar um conceito novo sobre um sistema complexo que é a aprendizagem de uma segunda língua.

As narrativas contam o quê por instinto e vivência sabemos de nossas salas de aula. Os estudantes frente a um desafio ou ponto onde nada mais faz sentido buscam formas de se adaptar. Eles mudam de método, viajam para outro país, mudam de sala, engajam se em comunidades de falantes da língua (salas de bate papo).

A atração que a teoria da complexidade exerce sobre os educadores é descrita por Kramsch (2012) como “paradoxal” porque deve estar ciente de que há uma pressão sobre os educadores para lidar com processos sistematizados e controlados de testes e nivelamentos que possam tornar o aprendiz apto a competir em nome da eficiência e produtividade.

Assim a teoria da complexidade desafia os pesquisadores porque os resultados obtidos quando comparados com a ciência tradicional podem levar a uma necessidade de relações multidisciplinares onde é difícil isolar apenas um dado. Aplicada à linguística a teoria da complexidade pode aproximar o ensino e a aprendizagem em níveis mais holísticos e humanísticos.

Poderemos partir para estudos onde a exploração do ambiente, a investigação da desordem, os riscos, as interações, as casualidades e o caos farão parte da construção de uma identidade para aprendizes que exercendo a liberdade se tornem mais autônomos em relação ao aprendizado de uma segunda língua.

Inspirada na metáfora do bater de asas de uma borboleta, onde uma pequena ação pode transformar todo um processo, encerro esse estudo afirmando que a complexidade e o caos trazem uma visão emancipatória para a ASL, podendo o aluno se ajustar e se posicionar dentro do seu contexto, da sua trajetória (nunca linear) e do seu caos.

## **Referências**

- APPLIED LINGUISTICS. Oxford University Press, v. 27, n. 4, Dec. 2006. Disponível em: <<http://applij.oxfordjournals.org/content/vol27/issue4/index.dtl>>. Acesso em junho 2013.
- BLOOM, S. L. Chaos, complexity, self-organization and us. 2000. Disponível em: <<http://www.freeinfosociety.com/pdfs/mathematics/chaos.pdf>>. Acesso em: junho 2013.
- CHAOS. In: WIKIPEDIA. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Chaos\\_%28mythology%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Chaos_%28mythology%29)>. Acesso em: 18 junho 2013.
- GLEICK, J. Chaos: making a new science. New York: Penguin, 1987
- KRAMSCH, C. Whys is everyone so excited about complexity theory in applied linguistics? (2012). Disponível em: <http://www.atilf.fr/IMG/pdf/02.pdf>. Acesso em : 18 junho de 2013.
- LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. Complex systems and applied linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LORENZ, E. N. The essence of chaos. Washington: University of Washington Press, 2001.
- PAIVA, V. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.) Caos, complexidade e aquisição de segunda língua - Sistemas Adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ FAPEMIG, 2009 . p. 187-203. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/caos.pdf>>. Acesso em 5 de agosto de 2013.P
- SADE, L. A. Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.